1. [ESPIRITUALIDADE CRISTÃ EM TEMPOS DE CRISE E VIOLÊNCIA Élio Gasda](http://fepoliticamg.blogspot.com/2017/03/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html)

ESPIRITUALIDADE CRISTÃ EM TEMPOS DE CRISE E VIOLÊNCIA

Élio Gasda\*

Tempos de crise profunda

O livro *A nova Razão do mundo* de *DARDOT E LAVAL[[1]](#footnote-1)****[1]****,* aponta o fato de aindanão entendermos muito bem o neoliberalismo e descreve um novo sujeito: o sujeito empresarial. As recessões econômicas não são significativas para fazer o neoliberalismo entrar em crise. Ao contrário, as incertezas do sistema são aproveitadas pelas elites dominantes como oportunidades. Mais ainda: como modo de governo. O reforço de tendências desigualitárias e desequilíbrios preparam dias ainda mais difíceis para as populações. O caráter sistêmico da lógica neoliberal torna qualquer inflexão das políticas conduzidas muito difícil no próprio âmbito do sistema. As relações entre Estado e mercado são complementares. Ritmo da lógica é *aceleracionismo*. Os anos já não começam nem terminam, apenas se emendam, tanto quanto os meses e os dias. 2017 chegou e parece que ainda estamos em 2016. Todos exaustos e no corre-corre.

 **Esse novo sujeito**

É preciso entender que esse modo de governo da sociedade não funciona sem adesão dos indivíduos. As pessoas assumem a racionalidade do sistema como sua. O neoliberalismo é um dispositivo de criação de sujeitos. É uma nova razão do mundo. Não é apenas uma ordem econômica. A essência do neoliberalismo está na construção de um ambiente de competição que abarca todas as esferas da existência. Não é apenas uma ideologia ou uma política econômica. Esta racionalidade global transforma as sociedades de forma subterrânea e difusa, estendendo seu sistema normativo a todas as relações sociais, sem deixar de fora nenhuma esfera da existência humana. “A economia é o método. O objetivo é mudar a alma” (Thatcher). O desejo é o alvo. Existe uma vinculação da maneira como um homem “é governado” com a maneira como ele próprio “se governa”. A economia é uma disciplina pessoal.

Racionalidade ou lógica refere-se a um conjunto de normas que perpassam o interior das práticas, que penetram no íntimo das pessoas e orientam suas condutas, assim como as políticas conduzidas em nível nacional ou internacional. Essa lógica supõe a construção, em vários níveis, de situações de concorrência que se impõem aos indivíduos, às atividades econômicas e sociais, aos Estados. Essa concorrência obriga o sujeito a se adaptar a ela para "ganhar" ou para não perder. Viver a vida é desenvolver uma empresa de si mesmo.

O capitalismo precisa deste espírito, é um tipo de religião que satisfaz as exigências de liberdade em todos os sentidos: sexual, econômico e cultural. É forma de vida. É o seu grande trunfo: conseguir se introjetar nas relações sociais, no coração e na alma das pessoas, criando um “sujeito neoliberal”, *neosujeito* que organiza sua vida em todas as esferas sociais (família, trabalho, política) à luz da lógica neoliberal. Indivíduo/empresa que concorre todo o tempo com os outros indivíduos. Seus julgamentos são pautados pela relação de custo-benefício. O voto transforma-se em investimento em busca de retorno individual. Esse modo de governo não requer uma adesão à uma doutrina. Essa é a tônica dominante, o "ethos" da era neoliberal: ética da responsabilidade individual. A competição exacerbada e seus resultados, potencialmente devastadores ao perdedor.

Impactos sobre a política: Pós-democracia

Quanto aos princípios que regem a política, suas regras modificaram ordem dos objetivos dos governos e dos partidos: a competitividade econômica substitui os objetivos de justiça social. É uma ideia muito particular de democracia de um sistema fechado que impede autocorreção de trajetória. O neoliberalismo inaugurou a era da *pós-democracia*. A extrema-direita cresce no momento em que as políticas dos partidos de esquerda e de direita são parecidas. A ascensão da extrema-direita está relacionada à *era pós-democrática*. O sistema neoliberal desativa o jogo democrático. Direitos que antes eram ligados à cidadania e estabelecidos pela democracia política, como a proteção social, a igualdade de tratamento, são questionados pela concepção consumista do serviço público de um sujeito ao qual a sociedade não deve nada.

A chamada esquerda não consegue oferecer alternativas. Quando ela teve maioria na Europa a ocasião foi desperdiçada pela conduta da maior parte dos dirigentes da social-democracia. Partidos implantaram políticas parecidas às defendidas pela direita. Esta opção explica em grande parte o crescimento da extrema-direita de tendência neofascista. Votar na direita ou na esquerda não tem diferença. Essa é a mensagem do neoliberalismo.

O neoliberalismo dessimboliza a política e *desdemocratiza* a democracia. É um *antidemocratismo*. A extrema-direita se apresenta como fora do sistema e extrapola o plano dos partidos. Não estamos mais lidando com o Estado de direito clássico. Seus únicos princípios são competitividade e segurança. A situação é muito sombria. A indignação contra os efeitos da globalização é capturada pela extrema-direita. Ela divide as classes populares e faz dos imigrantes, dos muçulmanos, dos negros e dos gays, os *bodes expiatórios* de todo o mal. O nazismo fez o mesmo com os judeus. Resultado: II Guerra Mundial.

**Brasil**

Não devemos restringir o nosso conceito de poder ao poder político. Tratemos do poder econômico e administrativo, assim como o poder de persuasão que se manifesta através da religião, da educação, da mídia e da imprensa. Devemos temer menos os governos, que podemos substituir, e mais os poderes privados que exercem influência na sociedade.

Um crime gravíssimo foi cometido contra a nação sem que muitos se dessem conta. A democracia já não vigora desde abril de 2016. O Judiciário está desacreditado. Não se trata apenas de mais *crise financeira global*. Estamos em *longa depressão.* A elite financeira que dirige o governo age para reduzir a ocupação, os salários e o consumo interno. Esta ofensiva contra o mundo do trabalho intensificará a *barbárie social*. Isso vem acontecendo na União Europeia desde 2010. O golpe integrou o Brasil na lógica do choque neoliberal. A PEC 241(PEC 55), que estabelece limite para os gastos públicos pelos próximos 20 anos, é a espinha dorsal.

Espiritualidade

Nestes tempos difíceis, como se manter fiel aos valores éticos que o Evangelho inspira? Como manter a coerência na defesa da dignidade humana, da justiça, do bem comum? São tempos sombrios. Papa Francisco insiste que os cristãos não podem ficar de fora da luta pela justiça (*Evangelii Gaudium,* n. 183). Qual a lógica da fé em tempos sombrios? A quem ou a que devemos apelar? Nossa lógica é a lógica de Jesus. Assim como Jesus, o cristão deve coloca-se no *meio* da sociedade como aquele que serve (Lc 22, 26-27).

Não fugir da realidade

Olhar crítico em vista do discernimento. O olhar crítico aplicado pelo Papa Francisco aos processos de autodestruição postos em marcha pela busca do lucro imediato e pelas leis do mercado “divinizado” surge do respeito pela realidade. A atitude fundamental é a espiritualidade de saída de si mesmo. “É possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro [...]. Quando somos capazes de superar o individualismo, podemos realmente desenvolver um estilo de vida alternativo e oferecer uma mudança relevante na sociedade” (Laudato si, n. 208).

No II Encontro Mundial dos movimentos populares, em Santa Cruz de la Sierra, em julho de 2015 Francisco destaca que ao olhar para a realidade o primeiro passo é reconhecer que precisamos de mudança. “Falo dos problemas comuns de todos os latino-americanos e de toda a humanidade. Problemas, que têm uma matriz global e que atualmente nenhum Estado pode resolver por si mesmo. Reconhecemos que as coisas não andam bem: tantos camponeses sem terra, tantas famílias sem teto, tantos trabalhadores sem direitos, tantas pessoas feridas na sua dignidade; tantas guerras sem sentido; tanta violência em nossos bairros. Digamos sem medo: Precisamos e queremos uma mudança. Não se trata de questões isoladas. Este sistema é insuportável”.

Papa Francisco pronunciou um dos discursos mais incisivos do seu pontificado no III Encontro Mundial dos Movimentos Populares (Vaticano, 02 a 05/11/2016). Mobilizar é lutar contra essa inércia enormeEsse sistema é terrorista. “Quem governa? O dinheiro. Como governa? Com o chicote do medo, da desigualdade, da violência econômica, social, cultural e militar que gera sempre mais violência em uma espiral descendente que parece não acabar nunca. Há um terrorismo de base que emana do controle global do dinheiro sobre a terra e ameaça toda a humanidade. Esse sistema tiraniza e aterroriza a humanidade. O medo paralisa as pessoas e as torna cruéis. Existem forças poderosas que podem neutralizar processos de mudança. Forças que ligam todas as exclusões transformam-se em um chicote que escraviza, rouba, fere sem misericórdia, para abater a todos como gado até onde quer o dinheiro divinizado. Quanta dor, quanto medo! Nenhuma tirania se sustenta sem explorar os nossos medos. E quando este terror, que foi semeado nas periferias com massacres, saques, opressão e injustiça, explode nos centros. Muros que fecham alguns e exilam outros. Cidadãos murados e aterrorizados, de um lado. O medo é alimentado, manipulado, nos enfraquece, nos desestabiliza, nos anestesia diante do sofrimento alheio e, no final, nos torna cruéis”.

 O papa dá primazia à realidade concreta e a articula com o Evangelho. Processos de transformação social com conversão espiritual. O Evangelho nos mostra a especificidade cristã do estilo de vida alternativo: “cuidar da fragilidade” (EG, 209-216). Qual nosso estilo de vida alternativo? Cuidar da fragilidade do outro: “as convicções da fé oferecem aos cristãos grandes motivações para cuidar dos irmãos e irmãs mais frágeis” (LS, 64). Esse apelo diz respeito à fragilidade dos pobres e da terra.

“Pequenos, mas fortes no amor de Deus, como São Francisco de Assis, todos nós, cristãos, somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo” (EG, 216). Os pobres são os destinatários e sujeitos privilegiados da nossa interlocução. Ouvir o clamor de Deus através do grito do pobre.

A opressão sobre os pobres e a espoliação do trabalhador são dois pecados que clamam a Deus. O debate deve ir além dos limites estreitos das opções político-partidárias entre esquerda, centro e direita. A referência deve ser os que sofrem as injustiças sociais. A primeira pergunta que devemos fazer é esta: Como o governo A ou B trata os mais pobres? O amor pelos pobres está no centro do Evangelho. Seus direitos são sagrados.

Os quatro princípios para um discernimento

No capítulo 4 do EG, Papa Francisco apresenta quatro princípios que “orientam o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum, um caminho para a paz dentro de cada nação e no mundo inteiro”. Esses princípios são retomados em diversas passagens de LS: 1. O tempo é superior ao espaço. 2. A unidade se sobrepõe ao conflito. 3. A realidade mais importante que a ideia. 4. O todo é superior à parte.

**O tempo é superior ao espaço.** “Este princípio permite trabalhar em longo prazo, sem a obsessão por resultados imediatos. Ajuda a suportar com paciência as situações difíceis e hostis ou as mudanças de planos que a realidade impõe. É um convite a assumir a tensão entre plenitude e limite, dando prioridade ao tempo” (EG, n.223). Projetos de longo prazo exigem poder de resistência. É muito importante privilegiar os processos novos que irrompem e envolvem novos sujeitos que assumem os processos de mudança.

Um dos equívocos da ação política é privilegiar os espaços de poder em vez dos tempos dos processos. Dar prioridade ao espaço leva-nos a proceder como loucos para resolver tudo no momento presente. Cristalizamos processos pensando que já estão concluídos. Dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que ocupar espaços de poder. Trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos e comprometem outras pessoas e grupos até amadurecer dentro da sabedoria do tempo. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes.

**A unidade prevalece sobre o conflito**. “O conflito não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser acolhido. Mas, se ficamos encurralados nele, perdemos a perspectiva, os horizontes reduzem-se e a realidade fica fragmentada” (EG, n. 226). Conflitos são inevitáveis. Mas a causa é maior do que os conflitos: o cuidado da fragilidade. Administrar as diferenças sem perder o foco naquilo que realmente importa.

**A realidade é mais importante que a ideia**. “Existe uma tensão bipolar entre a ideia e a realidade: a realidade simplesmente é a ideia, elabora-se. Entre as duas, deve estabelecer-se um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade. É perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofisma”. Tomando em conta a pluralidade de correntes ideológicas e estratégias presente no interior dos movimentos sociais, é um princípio voltado especialmente aos teóricos, assessores e lideranças.

**O todo é superior à parte** (EG, 234-237). “Entre a globalização e a localização se gera uma tensão. É preciso prestar atenção à dimensão global para não cair numa mesquinha quotidianidade. Ao mesmo tempo convém não perder de vista o que é local, que nos faz caminhar com os pés por terra. “Não se deve viver demasiado obcecado por questões limitadas e particulares. Trabalha-se no que está próximo, mas com uma perspectiva mais ampla”.

O todo é mais do que a parte e mais do que a simples soma delas: “É necessário mergulhar as raízes na terra fértil e na história do próprio lugar, que é um dom de Deus. Trabalha-se no pequeno, no que está próximo, mas com uma perspectiva mais ampla. [...] Não é a esfera global que aniquila, nem a parte isolada que esteriliza”.

Perspectivas

*Postura* do cristão na política

Olhar para Jesus. O núcleo do seu anúncio é o Reino de Deus e não a conquista do poder político. Jesus se manteve autônomo e independente dos partidos políticos, não assumiu compromissos com planos de governo ou ideologias. Jesus superou a tentação de um *messianismo político*. Ele veio para servir, amar e dar a própria vida. Aos discípulos que discutem sobre qual é o maior, Jesus ensina a fazer-se servidor. A vida de Jesus e sua mensagem contém significados políticos:

1. **A Negação do caráter teológico-sagrado da política desvincula a religião do poder político.** No tocante ao Reino de Deus, a política é sempre relativa, nunca é absoluta. No plano dos sistemas de governo, a posição do cristianismo é clara: “A Igreja que, em razão da sua missão, de modo algum se confunde com a sociedade nem está ligada a qualquer sistema político determinado” (*Gaudium et spes*, 76). A Igreja não está a serviço de nenhum projeto político. Ela não é um partido.

2. **A relação com a política tem por objetivo contribuir na defesa da *dignidade humana,* da *justiça* e do *bem comum*** (GS, 76). O compromisso político é uma expressão privilegiada do ser cristão. A fé cristã é fermento na massa. As desigualdades sociais e econômicas interpela a consciência cristã. “A Igreja não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça” (EG, 183).

3. **O critério para avaliar a presença dos cristãos na política é o Reino de Deus, anunciado como a boa notícia aos pobres.** Permanecer com os pobres em suas lutas e vitórias, alegrias e angustias é uma questão de fidelidade ao Evangelho. É uma forma de amar ao próximo. Priorizar os últimos na escala do poder político-econômico, os sem *poder-algum os* humilhados é um traço essencial do cristianismo. A política é uma forma de *servir* a eles.

4. **Nenhum sistema de governo ou partido abarca todo o conteúdo (*substância)* do cristianismo**. O Evangelho pode ser vivido em práticas políticas diversas. A variedade de opções exige um discernimento a partir da proximidade ou afastamento da mensagem do Evangelho e do serviço aos pobres. Muitas instituições religiosas intervêm na política apenas para defender seus interesses e fortalecer sua religião. A medida da política é a justiça e o direito. “Sua origem e o seu objetivo estão precisamente na justiça”. (Deus caritas est, 28). A formação de estruturas justas pertence à esfera da política. A Igreja pode contribuir com o testemunho das comunidades e com a formação da consciência cidadã de responsabilidade com o bem comum: A Igreja não tem poder sobre o Estado (DCE, 28). Na atual conjuntura é importante aprender das gerações passadas sua infatigável resistência assentada na justiça e no direito*.* Defender a laicidade do Estado diante do aparelhamento do estado brasileiro por diversos grupos evangélicos e católicos. Como enfrentar a confessionalização da política feita por correntes manipuladoras e autoritáriasdo cristianismo fundamentalista?

5. **A imagem de Deus Uno e Trino impede qualquer manipulação ideológica da fé.** O Evangelho é uma instância crítica contundente de todos os sistemas de governo. O cristianismo é sempre subversivodiante das estruturas de poder. O Reino de Deus nunca pode ser confundido com um plano de governo ou de partido. O conteúdo do Evangelho converte o cristão em defensor intransigente da dignidade humana. É tarefa do cristão contribuir para que as exigências da justiça se tornem compreensíveis e politicamente realizáveis (Deus caritas est, 28). A autoridade do cristão consiste em colocar-se a *serviço* de todos, principalmente dos pobres. Trazer os excluídos para o mundo da política e dos direitos civis recompor sua cidadania. Libertar a política para resgatar a cidadania plena é um dos rostos do amor (Aparecida, 384-385). Cidadão subversivo diante dos *poderes deste mundo*. Os profetas são os adversários mais perigosos dos *donos do poder*.

6**. Jesus andava nas estradas, praças e mercados**. É nas ruas que surge a resistência mais ativa. Entender o fenômeno, saber lidar com a diversidade das multidões e suas demandas é fundamental para enfrentar a onda conservadora*.* É dentro da antiga classe operária (dividida agora entre nova classe média e multidões desempregadas e precarizadas) que se revela a crise mais pesada. Nas ruas, nas vilas, nos hospitais vemos a barbárie: As revoluções começam nas ruas sem saída (Bertold Brecht).

7**. Jesus viveu em tempos de violência. Sofreu a violência do ódio de todas formas possíveis e insuportáveis.** Ao ódio respondeu com o amor. Só o amor é humano. Só se pode crer no amor. Ensinou que o verdadeiro campo de batalha, onde se defrontam a violência e a paz, é o coração humano: Porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos (Mc 7, 21). Perante esta realidade, a resposta que oferece é positiva: Amais os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam (Lc 6, 27-28). Saber sempre escolher o amor até mesmo em meio às piores perseguições. “Quando te elevas ao nível do amor, a única coisa que procuras derrotar são os sistemas malignos. Às pessoas que caíram na armadilha desse sistema, tu as amas, mas procuras derrotar o sistema (...) Ódio por ódio intensifica a existência do ódio e do mal. A pessoa forte é aquela que quebra a cultura do ódio e a cadeia do mal” (Martin Luther King).

8. **O profetismo de Jesus não se reveste de um tom catastrofista**. O inaceitável nunca é atenuado. Jesus nunca recuou diante da injustiça. Sua denúncia é posta a serviço de uma esperança inalienável. Esse ato de esperança aponta para o estilo cristão de ver a realidade. *Resistência e antecipação de algo bom, algo novo*. A esperança é face cristã da utopia política. Ela ultrapassa os limites da história e dos projetos humanos. Os cristãos não podem perder a esperança. A espera de um *novo céu e uma nova terra* os mantém imbuídos daquela liberdade e ousadia que caracteriza os profetas: “Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas” (Ap 21, 4).

9. **Perspectiva da cruz**. *“*... *também tu* *estavas com Jesus Nazareno”* (Mc5, 18). Permanecer com Jesus de Nazaré na hora mais dramática da nossa história. A **implicação com a realidade leva à complicação**: baixar aos infernos humanos com Jesus - nas situações sociais, econômicas e políticas acontece a redenção do gênero humano. É **nesta história** que Deus continua se comunicando. É preciso aprender a ver a realidade com o olhar da *Trindade – que vê/escuta/faz.* A Trindade vê o que a humanidade não vê. Eu só vejo dessa maneira quando vejo como Deus vê.

Apelos do papa aos movimentos sociais:

**Ser semeadores de processos de mudança em tempos sombrios.**

No II Encontro Mundial dos movimentos populares, em 2015, a resposta para a pergunta: Que tipo de mudança? “Mudança concebida não como algo que um dia chegará porque se impôs esta ou aquela opção política ou porque se estabeleceu esta ou aquela estrutura social. Uma mudança de estruturas, que não seja acompanhada por uma conversão sincera das atitudes, acaba a longo ou curto prazo por burocratizar-se, corromper-se e sucumbir. A paixão por semear, por regar serenamente o que outros verão florescer, substitui a ansiedade de ocupar espaços de poder e de ter resultados imediatos. Cada um de nós é apenas uma parte de um todo complexo e diversificado interagindo no tempo.

Quem nos move para semear processos de mudança? O rosto dos que sofrem; porque estes rostos e nomes estremecem-nos as entranhas diante de tanto sofrimento, nos comovem…. vimos e ouvimos as feridas da humanidade dolorida. Essa compaixão confere uma mística particular aos movimentos sociais. Esta proximidade permite realizar o mandamento do amor, no encontro entre pessoas, porque não se amam conceitos e ideias; amam-se as pessoas. Rostos e nomes enchem o coração”.

**Ser políticos, não profissionais da política**

No III Encontro Mundial dos movimentos populares, em 2016 o papa alerta as relações entre os movimentos e a politica. Existe uma grande diferença entre “ser político” e ser “profissional da política”. Profissionais da política não vivem apenas para a política, mas da política, fizeram dela sua profissão. A democracia representativa, ao desempoderar as mulheres, os coletivos urbanos, o feminismo negro, os trabalhadores, a periferia, os gays, os habitantes invisíveis da cidade etc, levou à elitização dos profissionais da política: bancada da bala, ruralista, da bíblia, dos bancos, da FIESP.

O Movimento fé e política é um movimento de seres políticos. Não é um partido político. Este é um diferencial enorme deste movimento. Uma forma de expressão diversa, dinâmica e vital de participação na vida pública. Não ter medo de entrar nas grandes discussões, na Política com letra maiúscula, com este diferencial: “A política é uma maneira exigente de viver o compromisso cristão a serviço dos outros” (Paulo VI, OA, 46). Papa Francisco alerta para dois riscos da relação entre os movimentos e a política: deixar-se formatar e deixar-se corromper:

**Não se deixar formatar é** manter a autonomia diante das ideologias e projetos políticos. Ser uma reserva crítica dos partidos, dos governos e da sociedade.

**Maior risco: deixar-se corromper**. A corrupção não é um vício exclusivo dos profissionais da política. Existe corrupção nas empresas, na família, nas igrejas, no comércio. É necessário viver a identidade de ser político com austeridade. O apego ao dinheiro e as coisas materiais é a fonte da corrupção. “Aquele que está afeiçoado as coisas, por favor, não entre na política, não entre em uma organização social ou em um movimento popular, porque causaria muito dano a si mesmo e ao próximo e mancharia a nobre causa que assumiu” (Mujica).

Diante da tentação da corrupção o melhor escudo é a austeridade. O exemplo de uma vida austera a serviço do próximo é o melhor modo para promover o bem comum. A soberba e o exibicionismo desmobilizam, leva ao descrédito, e nos converte em hipócritas. Pior, cumplices deste sistema iníquo.

A palavra “rendição” não existe no vocabulário do cristianismo. Um cristão nunca se rende ao mal. O cristão que não seja revolucionário nestes tempos não é cristão. Ver a realidade para crer no que de fato está ocorrendo. Também é preciso crer durante o ver a realidade. É preciso insistir nas duas verdades. Em *Spartacus* (de Stanley Kubrick) há um diálogo entre Espartaco e um pirata que se oferece para transportar os escravos pelo Adriático. O pirata pergunta se Espartaco sabe que a revolta dos escravos está condenada e que serão esmagados pelas legiões do império. O que ele faria se admitisse que a derrota é inevitável. Lutaria até o fim? Espartaco responde que a luta não é apenas uma tentativa de melhorar a condição dos escravos, mas ela se fundamenta em princípios que ele crê e que ele vê. Mesmo que sejam derrotados, a luta não terá sido em vão. Espartaco foi derrotado, e os generais a mando do Império [crucificar](http://pt.wikipedia.org/wiki/Crucifica%C3%A7%C3%A3o)am 6 mil rebeldes ao longo da [Via Ápia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Via_%C3%81pia)

**Rezar pelos que tem medo**

Ainda no III Encontro Mundial dos movimentos populares: “Peço-lhes para que rezemos por todos aqueles que têm medo, rezemos para que Deus dê a eles coragem e que neste ano da misericórdia possa amolecer os nossos corações. A misericórdia não é fácil, não é fácil... exige coragem. Por isso, Jesus nos diz: “Não tenham medo” (Mt 14, 27), porque a misericórdia é o melhor antídoto contra o medo. Muito mais eficaz do que os muros, as grades, os alarmes e as armas. Não custa nada: é um dom de Deus. Todos os muros caem. Todos!”

“Ide também para a política e lutai pela justiça e pela dignidade humana, sobretudo dos mais pobres. Trabalhai para que esta Igreja se transforme e se deixa interpelar pelos gritos dos desprovidos de direitos, pelos clamores dos que sofrem todo o tipo de necessidade e daqueles pelos quais ninguém se interessa”. (Papa Francisco, Prefácio do Docat).

“A política é uma forma de dar culto a Deus” (Puebla, 521). Por quê? Porque nas vítimas da maldade que assolou a política, nos pobres, é preciso ver a presença de Jesus. Os pobres “são carne de Cristo” (Mt 25,31-46): **“*A gente procura Jesus no Sacrário e ele teima em ir para debaixo do viaduto*"** (Julio Lancelotti).

\* Elio Gasda é Doutor em Teologia, professor e pesquisador na FAJE. Autor de: Trabalho e capitalismo global: atualidade da Doutrina social da Igreja (Paulinas, 2001); Cristianismo e economia (Paulinas, 2016).

1. [1] DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian: *A Nova Razão do Mundo*. Ensaio Sobre a Sociedade Neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016. [↑](#footnote-ref-1)